

1
ESCUDO

Reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

13 de Dezembro de 1930

Numero 19



LER NESTE NUMERO: Reportagem de Londres — A pesca do bacalhau, etc., etc..

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte
da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

É caro? É! Mas no
ESCONDIDINHO

come-se, porque o
ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.



A sua cozinha, os seus
«ménus», os seus ser-
viços, os seus talheres,
os seus vinhos são ce-
lebres e não têm rival.



Rua Passos Manuel -- PORTO

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1893)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.868\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter
sempre em vista que nenhuma outra Com-
panhia lhes pode oferecer maiores vanta-
gens: o seguro de vida obedece à matemá-
tica e esta é uma só. O que os segurados
devem exigir é idoneidade da Companhia,
e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a es-
cudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancária Sotelo, Cruz & C.ª, Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 e 71

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)



PELES

Casacos, echarpes e ra-
posas nacionais e es-
trangeiras. Pelaria das
melhores procedências para confecções. Curte, tingi,
limpa, transforma e confecciona todas as peles. En-
viam-se amostras para a provincia e remetem-se en-
comendas contra-reembolso.

Grandes abatimentos às modistas — Formi-
dável sortido em malas, pastas e carteiras.

Esta casa executa concertos em capas de borracha,
malas e tingi com perfeição

A NACIONAL

Fábrica de malas, carteiras, pastas e confecções de peles

de

A. FERREIRA VEIGA, LTD.

Rua da Palma, 34, 1.º — LISBOA Telefone N. 3624

NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é “A Nacional”,
a mais antiga do genero e a que melhor serve e mais barato vende.

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM
ALIMENTO RECONSTI-
TUINTE NUMA SO BEBIDA

Prepare a sua TODDY
com um agitador

AVENDA EM TODA PARTE

Mantua Lda

29, C. DE S. FRANCISCO 57-LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS

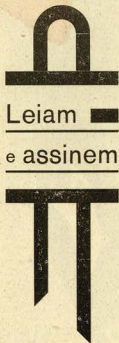
Antes de comprar uma maqui-
na de escrever portátil ou pa-
ra escritório, sirva-se V. Ex.ª
pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO



A NOVELA

Leiam
e assinem

POLICIAL



O livro mais
emocionante

DIRIGIDA PELO

“REPORTER X”

Capa a côres, 16 páginas — 1 ESCUDO

UM BOM PETISCO DE BACALHAU Homens & Factos do Dia

que nós comemos alegremente, custa apenas sofrimentos e a própria vida áqueles que ongo da família, durante meses angustiosos, se entregam à árdua tarefa da pesca. — Os nomes desses hois não brilham na História

O *Gil Eanes* voltou há dias dos bancos da Terra Nova. E' a segunda vez que o grande transporte de guerra — presa de guerra quando os alemães forçaram a quebra da nossa neutralidade hesitante — acompanha, vigilante, hospitaleiro, convenientemente apetrechado, os nossos pescadores audazes. Desde 1501 que a tentação do bacalhau atrai aos mares brumosos e hostis

crece, abraça o pequenino *dori* e amortalha o pescador

O *dori* é uma embarcação minúscula, que o pescador, seu único tripulante, conduz ao remo. Em muitos abre-se ao vento, recortando-se na imensidade, o triângulo tufado de uma vela. O pescador governa o *dori* e segura a linha, em cuja extremidade uma sardinha de chumbo, armada de um anzol, desafia, lá em baixo,

uso abundante daquêlê chamariz. Previnem-se sempre, guardando, de ano para ano, grandes reservas de lula e de sandilho. Uns e outros conseguem, sem nenhum esforço, uma pesca abundantíssima.

O *trol* — uma linha de extensão quilométrica bem armada de anzóis providos de isco — desafia, nos pontos onde o bacalhau se aglomera, o seu apetite insaciável. De manhã, ou à tarde, cada anzol segura uma vítima. Os franceses usam o processo da rede de arrasto, mais rendoso porventura.

Assim, a pesca do bacalhau é ainda para nós uma aventura arriscada e um negócio hipotético. Para os outros é uma certeza rendosa.

A ilha de Saint Pierre — a minúscula recordação deixada à França pelos ingleses depois das guerras napoleónicas — é o fulcro da actividade dos armadores franceses. Um posto radiográfico mantém comunicação permanente com os lugres, que, por sua vez, comunicam ininterruptamente com os *dori*, tódos armados com o seu aparelho de recepção e transmissão. Assim se mantem uma comunicação perfeita entre eles, de modo que os *dori* podem deslocar-se facilmente em busca dos locais coalhados de peixe, onde a pesca se intensifica. A ilha de Saint Pierre tem ainda outra característica interessante: é o mais importante centro de irradiação do contrabando de *whisky* falsificado — que chega à America do Norte em pequenas doses, transportado por barcos de confiança fugidos à fiscalização policial. A ilha de Saint Pierre é, assim, uma pequena colónia rica e prospera.

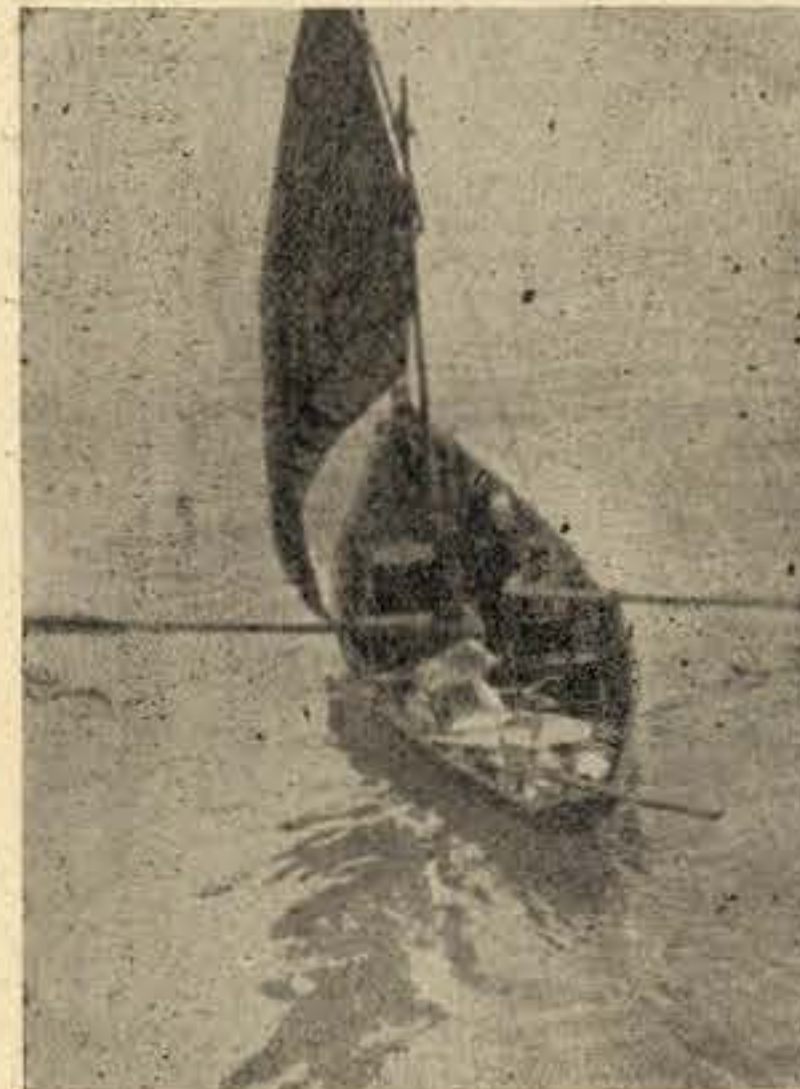
Os pescadores franceses têm assegurada uma assistência regular. *Sainte Jeanne d'Arc* — um navio hospital pertencente a uma sociedade francesa de beneficência particular, mas subsidiada largamente pelos armadores e pelo Estado — vigia intensamente os pescadores, quando uma enfermidade os ataca. O rigor desumano do frio e as contingências do seu trabalho forçam-nos muitas vezes a recolher ao navio-hospital que a santa guerreira patrocina. Em tódo o caso, dão sempre uma percentagem mínima.

Para os nossos pescadores os riscos são maiores e a quantidade de doentes é sempre muito mais numerosa. A pesca nos *dori* é um perigo constante e se não fosse a vigilância e a assistência do *Gil Eanes*, muitas vítimas teríamos de de-

plorar. Este ano registaram-se dois mortos.

O *Gil Eanes*, além de ser um navio hospital apetrechado convenientemente para uma acção eficaz naquêlê clima traiçoeiro, exerce um papel importante junto dos nossos pescadores, que trabalham em condições mais perigosas do que quaisquer outros.

A sua acção consiste em manter os *dori* em comunicação com os lugres a que pertencem, procurando-os quando se perdem, levados pelo temporal ou



Um dia próspero: o regresso de um *dori* com boa colheita de bacalhau

comprimidos e ocultos na densidade do nevoeiro; indica-lhes, quando é possível vencer a distância e a névoa opaca, o local mais propício à pesca nêsse dia; assegura-lhes e transmite-lhes, regularmente, as comunicações postais com as famílias ansiosas e distantes.

Sobretudo, a presença do *Gil Eanes* cria nos pescadores uma confiança absoluta. A certeza de que o transporte de apoio anda perto — sentem-lhe a presença na linguagem brilhante dos sinais luminosos ou na estridência inconfundível das buzinas e apitos — conforta-lhes a alma, dá-lhes aquela serena persistência que se traduz no esforço tendente a obter uma pesca abundante.

(Conclui na pag. 15)

O patriotismo do dr. Afonso Costa

DEPOIS de termos recebido a carta que continha a formidável reportagem de Londres que neste número se publica, Reinaldo Ferreira, o inconfundível e arguto jornalista de sempre, endereçava-nos este telegrama, tão eloquente no seu laconismo:



LONDRES, 8. — Afonso Costa advogado português de Waterlow veio a Londres. Encontra-se hospedado no Savoia Hotel, sob o pretexto de vir tratar de assuntos referentes à Companhia dos Diamantes e envia ao Tribunal onde Waterlow está sendo julgado o dr. Sobral de Carvalho, seu representante. Ganha trezentos contos fora todas as despesas e já levantou cinquenta.

Waterlow dirigira anteriormente igual pedido ao dr. Pinheiro Chagas, actual advogado do Banco de Portugal e ao dr. Bustorff Silva, tendo ambos recusado sem hesitações. Explica-se assim a estada de Marang no Oxford Hotel. — Reinaldo Ferreira.

Reinaldo Ferreira não pôde acompanhar o seu telegrama dos comentários que, ao redigi-lo, estamos certos saltariam aos bicos da sua pena. Comentários amargos seriam êsses, comentários que, para quem como êle e como eu não tem preconceitos de nacionalidade, não deixariam entretanto de vir impregnados de um certo cunho de patriotismo aos olhos de uns, honestidade sentimental aos olhos de outros.

E' que não admitimos, nem Reinaldo Ferreira nem o que estas linhas subcreve, que um homem como Afonso Costa, engrandecido pela politica portuguesa, guindado à gloriola de «az» internacional por um povo sacrificado aos seus caprichos, gloriola que monetariamente lhe aproveitou com fartura, venha servir-se dêsse nome que uma nação inteira lhe fez, dessa influência internacional onde um pequeno país o integrou, em desfavor da nacionalidade a que pertence.

Afonso Costa, a quem o país algumas vezes confiou a melindrosa tarefa de defender os seus interesses no dize tu direi eu dos interesses internacionais, vem agora, em troca de uns miseros trezentos contos, que nada acrescentam à sua imensa fortuna, colocar-se ao lado

de uma empresa estrangeira contra os interesses e o crédito do seu país, que neste momento se jogam em um tribunal de Londres.

«Exerce a sua profissão de advogado» — dirão alguns, desculpando-o. Sim, mas uma profissão tem um limite moral que não se pode ultrapassar. O sr. Afonso Costa diz-se patriota, amigo da sua Pátria, á qual deve o ser alguém. Não sendo, portanto, um internacionalista procede como nunca procederia qualquer que professasse um ideal muito alto de fraternidade humana. Se se provar que Waterlow é um delinqüente, a Inglaterra nada sofrerá nos seus créditos; se o Banco de Portugal fôr, porém, condenado, por muito pouca simpatia que os seus dirigentes nos mereçam, o crédito da nação, que é na sua maioria formada por pobres (os que mais gemem sob a canga das crises económicas e financeiras), sofrerá um formidável abalo.

Outros advogados portugueses fôram convidados a defender Waterlow — e recusaram, pondo acima dos seus interesses profissionais o seu brio, a sua sentimentalidade, a solidariedade que devem aos seus conterrâneos. Afonso Costa tudo esqueceu — por trezentos contos.

Se era em tão pouco que Afonso Costa avaliava o seu patriotismo, porque se empenhou tanto, há alguns anos, em esbanjar os poucos dinheiros nacionais e em sacrificar tantas vidas, obrigando os portugueses a colaborarem em uma guerra, que o engrandeceu pessoalmente, que lhe criou uma situação de destaque internacional, manejada agora contra altos interesses nacionais?

Que triste espectáculo oferece êste homem áqueles que nêle confiaram cegamente e que talvez ainda esperassem dêle a libertação das agruras presentes e a edificação de um futuro melhor!

MARIO DOMINGUES

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no *Lama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

QUAL FOI O MOMENTO MAIS EMOCIONANTE DA SUA VIDA?

Dr. Campos Coelho



O dr. Augusto Campos Coelho é uma pessoa decidida na palavra — ou não fosse bom advogado. Não usa de flores de retórica à antiga portuguesa. É um jovem no pensamento, na acção e na idade. Servido por uma tenacidade de ferro, uma vivacidade de espírito e uma energia fulminantes, ele é claro e decidido nas suas questões. Vai logo direito ao fim.

Quando lhe perguntamos, no intervalo de duas corridas galopantes para a Boa-Hora e para o Torel, qual foi o momento mais emocionante da sua vida, o dr. Campos Coelho teve-se tomando o fôlego e disse-nos, sorrindo amável, mas sem perder a sua directriz:

— Disponho apenas de cinco minutos para o atender. «Toda a minha vida tem sido frequentes vezes sacudida por fortes emoções, mas de todas a que não me esqueço nunca foi a que sofri no Tribunal de Santa Clara, em pleno julgamento do Angola e Metropole, quando me ergui da minha bancada para iniciar as alegações de defesa de Ferreira Junior.

«A grandeza da causa, a forma como aquela defesa me entreguei, dando-lhe todo o meu esforço, toda a minha alma, o ambiente que me cercava, o auditório que acorria ao Tribunal, tornaram aqueles instantes de perturbação tão intensamente emocionantes que só poderia compará-los aos que se seguiram quando, já de madrugada, a defesa escutou a leitura da sentença.»

Passou um «taxi» e o dr. Campos Coelho, despedindo-se à pressa, desapareceu.

Maestro Ruy Coelho



Em um compartimento sossegado do «rapido» do Porto, viajava conosco Ruy Coelho, o maestro que o estrangeiro já aplaudia com entusiasmo quando as plateias portuguesas ainda o olhavam de soslaio.

Lembrámo-nos de súbito de lhe dirigirmos a pergunta sacramental:

— Qual foi o momento mais emocionante da tua vida?

Riu-se de nós não abandonarmos, nem mesmo em uma conversa de amigos, a nossa paixão jornalística, e contou-nos:

— Não sei se tu acreditas na fatalidade. Eu também era, como tu, um incrédulo. Mas há anos, viajando num comboio do Brasil, a caminho de Belo Horizonte, na companhia de alguns actores e atrizes, uma das artistas ia contando histórias de cataclismos provocados não sei por que espírito maligno e sobrenatural. Eu ria-me. «Um dia, relatava-nos ela, esgazeando o olhar como se a fatalidade pairasse ali perto de nós, um comboio descarrilou precisamente no momento em que um passageiro se ria como você destes agorros e fatalidades.» Tornei a rir-me. Mas suspendi de súbito a gargalhada. Produzira-se um ruído sinistro, fomos impelidos uns contra os outros com violência.

Por fim, depois de alguns balanços horríveis, o monstro de ferro parou. Tínhamos descarrilado. Espreitámos pela vidraça da carruagem. O comboio corria a mais de cem quilómetros pelas lezírias do Ribatejo. — Esse foi o momento mais emocionante da minha vida — disse Ruy Coelho.

Mudámos de conversa.

ELISIO, BAILARINO POR INCLINAÇÃO Raul Brandão

A DOLOROSA COMÉDIA OU A RISIVEL TRAGÉDIA DE UM RAPAZ QUE TEM A PAIXÃO DO BAILADO E QUE SE EXIBIU EM UM CIRCO RELES DE SALTIMBANCOS NA FIGUEIRA DA FOZ

A QUÊLE cartaz pregado em um urinol, à laia de legenda obscena traçada por mão irregular e maliciosa de garoto, surpreendeu-nos logo que chegámos à Figueira da Foz. Os dizeres eram honestos, mas palpitámos pouca-vergonha. Mais adiante, topámos com um circo de aspecto miserável, construído com lonas, zínco e barricas, à margem da bela avenida que acompanha o Mondego, nêsse dia reverberando como um espelho ao sol. Em uma das faces laterais do circo drapejava idêntico cartaz ao que nos surpreendera momentos antes. «Um desses pobres grupos de saltimbancos — pensámos — que percorrem como tribus nômadas a provincia portuguesa, de lés a lés, curtindo fomes aqui, frios acolá, corridos à pedrada além, tudo ao som do tambor e da gaita de foles». Detivemos um instante o pensamento nêsses miseráveis e tomámos o caminho do bairro novo, o bairro catifa dos casinos, das passeatas, dos «Cafés», do bulício, que no inverno se aplaca e lembra pelo silêncio e desolação de que se reveste



Como uma garatuja de garoto, aquêles cartaz...

as aleas de um cemitério ladeadas de esfingicos jazigos.

A porta da Havanesa, onde entrámos a adquirir material fotográfico, um garoto entregou-nos um prospecto-reclamo, desses prospectos que em Lisboa deitamos fóra, mas que em terra estranha nos despertam sempre curiosidade.

Lemo-lo avidamente e logo nos saltaram à vista dizeres como estes: **Circo Espanha, o Conde de Lambarry apresentará hoje os seus melhores números.** Conde de Lambarry? Um conde a trabalhar em um circo miserável, quasi a cair aos bocados? Continuámos a lêr: *Novos e originaes bailados por La Goya. La Goya, a famosa rainha do couplet, exibindo-se naquela pobre casa de espectáculos?! A que decadência descera essa mulher, que nós conhecemos em Lisboa, triunfante, disputada, esgotando a lotação dos melhores teatros! Mas o mais estupendo, o que mais nos comoveu, foi a aparição de Geraldine, a famosa artista de circo que há muitos anos agitou nos corações lisboetas um formidável vendaval de paixões. Sim, o programa anunciava a muito aplaudida e novel equilibrista Geraldine.*

Não nos arrependemos de ter ido à Figueira. O grande assunto jornalístico estava ali na nossa mão, resumido naquêles programa de papel ordinário.

Mais tarde, Mario Azenha, jornalista e escritor de formoso recorte literário, após os abraços do estilo, foi por nós abordado à queima-roupa sobre o estranho assunto. Aquêles nosso velho camarada e amigo fez uma caretada de nojo:

— Repugnante, simplesmente repugnante! — e não proferiu mais palavra sobre o tema que tanta repulsa parecia causar-lhe.

OS PRINCIPIOS DE ELÍSIO

Tivemos então, eu e o Idílio, que pôr em campo as nossas habilidades jornalísticas para tudo apurarmos a limpo — e, como adiante se verá, o que se apurou a limpo é bastante sujo.

Em um arruamento pobre da parte antiga da cidade, vive em companhia de sua mãe um rapazito de nome Elisio, filho de um aristocrata. Ao princípio de se instalar na Figueira, aquela familia possuía meios de fortuna. Depois a roda da sorte desandou e arremessou-a para a miséria. Vivem agora num tugurio pobre, mãe e filho. Foi nesta triste fase da sua vida que o Reporter X os foi encontrar.

A mãe deu ao filho uma educação perniciosas. Temperamento mórbido, em vez de preparar a criança para a luta pela vida, essa mulher, que faz versos e tem manias de fidalguia, animou por tal forma o pequeno Elisio — o seu «Elisiozinho» — que lhe furtou toda a máscula energia própria de um homem. Elisiozinho medrou como uma delicada flor de estufa — e o ar agreste da vida constipou-o... Adulto, não sabia trabalhar. Era uma boneca de sala, com maneiras de menina, acanhadas, corando ante um olhar atrevido, indiferente às seduções da carne feminina.

Elisiozinho tinha geito para dançar e cantar.



Elisio em um dos seus trajos mais decentes

Acosado pela miséria aproveitou essa vocação para se exhibir, primeiro dançando com um par, decentemente; depois, tendo do teatro o mesmo ideal de certas mulheres, começou a bailar traves-

tido de coupletista espanhola para mostrar as suas perfeições físicas. Estava em caminho resvaladiço. A tara adormecida acordou com o ruído das palmas e as investidas corruptoras de conquistadores



O famoso Circo Espanha

de camarim. O menino transviou-se. Hoje é o que toda a gente sabe.

UM GRANDE EMPRESÁRIO

Apareceu na Figueira da Foz um espanhol de nome Carmelo, com um reduzido e miserável grupo de saltimbancos. O negócio não dava para as sôpas. O Elisio, apertado por necessidades e agulhoado pelo sensual desejo de ser adorado pelas plateias, ofereceu-se-lhe para fazer um número. Carmelo, malandrão, conhecedor da psicologia do publico, contratou-o e o pequeno circo encheu-se a transbordar. Como Elisio, igualmente delicados e bailarinos, apareceram mais dois rapazes, o Conde de Lambarry e La Goya, mais dois viciosos, dois pobres tarados, que o público disfruta, apupa e aplaude com a incoerência própria das multidões.

Durante a exhibição, alguns espectadores menos convenientes proferiam exclamações licenciosas, que eram de preferência dirigidas a Elisiozinho. E o pobre-diabo, com a sua vaidadezinha lamentavel, caricata e confrangedora, tomava essas chufas por trofeus de glória e em casa, nos braços da mãe que o adora com um amor tragi-cômico, doloroso e risivel, contava a estima em que a multidão o tinha.

A mãe, essa pobre mãe sofredora de opereta reles, revia-se nêle encantada e exclamava:

— Pois, se este meu filho é tão bem feito! E elevava ao céu as mãos em prece, agradecendo a suprema ventura com que a Providência a distinguira.

Um dia, o administrador, avisado do escândalo que o Elisio provocava, á noite, no Circo Espanha, proibiu-o de trabalhar.

Foi uma arrelia para o Carmelo, esse ratão, que chupava naquela tara como bezêro faminto em teta túmida. Mas para mãe e filho, aquela decisão da autoridade, mais do que um golpe nos vinte e cinco escudos diários para comer, foi um atentado barbaro contra a Arte e a Beleza.

Apenas La Goya e o Conde de Lambarry continuaram a exhibir-se.

— Mas não tinham as simpatias que êle alcançara — informava Elisiozinho com o lábio em geito de superioridade.

Visitámos Elisiozinho em casa de sua mãe. Apresentámo-nos como empresários de um teatro

de Leiria. Mãe e filho eram duas caricaturas trágicas, destes carvões que Stuart, quando quer, traça para nos fazer rir e chorar ao mesmo tempo. Idílio quis fotografar o bailarino e êle não se fez rogado — se gostava tanto de posar para a objectiva... O pequeno fot-se vestir — ou melhor despir — de espanhola: O tronco nu, larga saia de ancas de arame para levantar-se fácil nas reviravoltas da dança, um *soutien gorge* de peltos dourados, cha péu de ampla aba à sevillhana.

Enquanto se vestia o filho, fazia-nos a mãe as honras da casa, falando de Elisiozinho, que era, em sua opinião, uma espantosa revelação artistica. E com sinceridade, para nós confrangedora, ela traçava o elogio desse ente fanado, vencido, que é todo o seu enlêvo e glória!

— O meu Elisiozinho é muito bem feito, não é verdade?

E nós confirmávamos com um movimento de cabeça a sua opinião illusória. Que ganharíamos em desludi-la?

Naquêles ambiente de pobreza atroz, aquêles dois entes viviam pelo espirito no Eldorado.

Entretanto, chegava uma nova personagem, o menino La Goya, muito amigo de Elisio. Foi a correr ajudá-lo a vestir-se. De vez em quando, surdia lá de dentro procurando adornos: os brincos, o broche, o pé de arroz...

E nós considerávamos em silêncio aquela miséria moral e material. Metia nójo e dó.

Finalmentê, o rapaz *posou. Tic-tac* e ficou impressa na chapa impressionavel aquêla dolorosa porcaria, que, por decôro, não reproduzimos nas nossas colunas.

Mas o pequeno, apaixonado pela sua arte, quis que nós ficássemos no número dos seus admiradores. Houve uma tímida oferta para bailar. Se recusássemos dar-lhe-íamos um grande desgosto — acedemos.

La Goya cantou com ritmo espanhol *uma malagueña* saltitante. Elisiozinho bailou, rebolando as ancas, fazendo tremer os seios de trapo dourado, dando aos olhos geitos langorosos — e terminou quasi por terra, a cabeça pendente, os braços es-



Mario Domingues, tendo à sua direita o empresário Carmelo e o Conde de Lambarry em mangás de camisa

tendidos, na attitude do ballado clássico *A Morte do Cisne*.

Quando saímos, através das ruas silenciosas e desertas da Figueira, levávamos no espirito um travo amargoso... A humanidade tem aspectos bem ridículos e tristes.

REPORTER MARIO

Era um estranho evocador de sombras. Mas essas sombras animavam-se, viviam, palpitavam, tomavam forma e volume ao sôpro do seu talento. Raul Brandão — permitam-nos a expressão desaguetada, mas exacta — vivia a Natureza de dentro para fora. Não era o mundo exterior que, penetrando na sua alma através dos sentidos, criava no seu espirito um mundo miniatural; era a sua grande alma de artista de assombrosa acuidade que criava por intermedio da sua arte ex-



pressiva e simples de escrever um mundo irreel de enormes monstros sofredores, mas tão insuflados de vida que nós, ao lê-lo empolgados, descobrimos a humanidade mais grandiosa na Dôr, na ânsia de Beleza e de Felicidade irrealizáveis.

Os pobres, *A Farsa, Humus* são mundos novos e sombrios onde a nossa miséria e grandeza se projectam, como nas paredes de uma *cave* mal iluminada por lampeão bruxuleante, as nossas proprias figuras avolumadas até à caricatura sinistra, até à deformação gigantesca.

Não tinha o culto da palavra pela palavra. Cada vocábulo era como que uma gota de sangue palpitante de um grande corpo — porque Raul Brandão escrevia com o sangue e com a alma.

A morte de Raul Brandão — passe o lugar-comum tão usado com proposito e despropósito — deixa na literatura do nosso tempo uma lacuna que difficilmente se preencherá. Poucos são os escritores que, como êle desprovidos de nitida directriz filosofica, reuniram tantas qualidades instintivas de literato. Raul Brandão era um grande escritor por temperamento. Sentimos e lamentamos a sua perda.

M. D.

Filmes falantes do "block-ndes" de um reporter errante

Prólogo: Desabafo nostálgico de uma manhã londrina fechada em nevoeiro

DOMINGO. Meio-dia. Mas meio-dia «made-in-London». Através das janelas do meu quarto, a maior capital do mundo fecha-se no mais denso nevoeiro que vi até hoje. É um nevoeiro «specimen», palpável, amarelo, envolvendo o casarão como uma monstruosa gêmea de ovo. Dir-se-ia que se estendesse a mão lhe arrancava um pedaço... Os mil anúncios luminosos de Picca-

Perdoem-me este cromo de romance piegas, mas recordei hoje essa manhã lisboeta, cheia de luz, como um seqüioso fantasia fontes cristalinas na imensidade do Sahara. Dois jornais — «O Seculo» e «The Sphere» — caíram sob os meus olhos. Na minha preguiça optimista de convalescente, em banho-maria de sol — folheei «The Sphere» e o desfile dos scenários da grande cidade, dos instantâneos da City, os salpicos fotográficos da vida super-civilizada, picaram-me de nostalgia. Evoquei todas as viagens, todos os episódios e aventuras e emoções do meu jornalismo internacional durante dezassete anos intensos — e sofri o mal da saúde! Havia dois anos que não saltava a fronteira. E assim se formou o primeiro polo. O segundo ocultava-se no fundo de uma coluna do «Seculo» — anunciando o julgamento de Waterlow, em Londres. E os dois polos tocaram-se. E o curto-circuito deu-se. A regressar à minha existência de jornalista vagabundo, e, ao mesmo tempo, Reporter X cumpria, mais uma vez, o seu lema de jornal das «grandes reportagens nacionais e internacionais»...

Isto foi quinta-feira 6 de Novembro...

WATERLOW, O FABRICANTE DE DINHEIRO

O folhetim Angola & Metrópole é, sem dúvida, o *affaire* jornalístico mais completo que se ofereceu à imprensa mundial desde o principio do século. Lógico era que eu me apaixonasse, como reporter, por essa inesgotável *boite à surprises*... Tinha ido a Haya — e assistira ao ilusionismo de Marang. Tinha ido a Vigo e abordara esse fantasma tão discutido da grande burla que é Hennies, e obtivera dele as suas primeiras declarações, primeiras e únicas — o que constituiu o triunfo inicial do Reporter X. Seguiu de perto as metamorfoses de Alves Reis e a tragédia enigmática do julgamento da causa. Era indispensável completar o quadro — acompanhando, *sur-place*, o julgamento de Waterlow... Waterlow, representa, na minha visão sobre este elenco, o Tartufo...

Não tenho a menor simpatia pelos banqueiros em geral. Esta hostilidade, consciente e cerebral, não me cega ao extremo de me parcializar num dogma. E não estando muitas vezes de acordo com o Banco de Portugal — confesso que esse inglês bochechudo, sorna, rubro, de olhar esquivo e fêlo, senta-se no banco dos reus como num *mapple*. O seu procedimento está alcinchado no processo pelo vocabulo «negligência». Mas foi só por negligência que ele procedeu como procedeu? E' esta a grande reportagem a realizar em Londres. De todos os mistérios, de todos os fantasmas, de todas as inverosimilhanças que esvoaçam em torno do Angola e Metrópole, (sou dos que vêem um alcapão nas confidências *in-extremis* de Alves dos Reis...) o mais subtil, o mais «Paramount» e o menos previsto de todos é precisamente Waterlow e o caso Waterlow. Que as coisas não se passarem como ele as pinta — é evidente com 2x2=4... Para chegarmos a essa conclusão bastou devesar um pouco o seu passado, que estava virgem da curiosidade jornalística. Esse passado, que me custa todos os dias e todas as noites da minha estada em Londres, é um alarme... E prometo-lhes não ficar apenas no badalar do sino...

Um nome posso já — um nome que vale uma bussola. O do muito ilustre e ignorado fidalgo português, sr. de Sousa e Lencastre. Quem é esse homem — inédito na multidão de figurantes do Angola e Metrópole? Qual o genero de relações

que manteve com Waterlow? Qual o seu papel entre Waterlow e Marang? Porque o calam e o ocultam Waterlow e todos os «stars» da chamada grande burla? Sei apenas — por agora — que é amigo intimo de um outro português não menos ilustre e seu ex-socio — um tal sr. Oscar Blanc, que faz em Madrid existência de «grande de Portugal»; a quem João Chagas acusa de espia e traidor durante a guerra; que o ex-senador espanhol Junoy aponta como o mercadejador da vida de Mata-Hari; e a quem o «Reporter X» já se referiu, pouco lisongeiramente, num dos seus primeiros numeros...

Quem sabe o que se anicha por dentro deste biombo humano...

IL SOLE, MAMA

Dei, até agora, meio-dia de domingo, umas preguiçosas férias à minha pena de trabalho. Até



Um jovem com rosto efeminado

agora limitei-me a ver, a escutar e a esmiuçar... Mas não perdem com a demora...

O espectáculo vai começar... Começa hoje, domingo, ao meio-dia — quando Londres se envolve na gême monstruosa dum nevoeiro denso e amarelento... E recordando aquêl meio-dia cheio de luz em que resolvi, em Lisboa, realizar esta viagem — sinto vontade de gritar como Zacconi, ao interpretar o protagonista do drama de Ibsen — «Os Espectros» — quando o infeliz agoniza entre as brumas, asfixiantes da alma, do fjord escandinavo: «Mama, il sole!» — «Mama dami il sole», um bocadinho de sol...

R. X.

“TALKIES” DE VIAGEM

Domingo, 9 de Novembro: Gare do Rossio. — Embarcar é como entrar num teatro para assistir à *première* dum film ou duma peça muito reclamada. Um comboio é uma sala de espectáculos. A paisagem é o palco — ou o *écran*. Com uma diferença: o comboio é um teatro com rodas — que percorre o espectáculo..., e a paisagem um espectáculo imóvel e fixo. E como nas *premières*, existem passageiros que chegam meia hora antes — sempre com medo que o pano tenha subido já e outros que, por snobismo ou por desmazêlo, só vêm no último minuto, pisando, berrando, correndo, incomodando...

O «Sud» de hoje leva um carregamento huma-

no, quasi todo etiquetado com o rótulo de «Londres». Abundam os banqueiros e subalternos... Dr. Mota Gomes, liliputiano, grave, tímido, distraído... O sr. Ulrich, «tudo poderoso» do Ultramarino, testemunha de acusação contra Waterlow, com uns graves óculos de aro de tartaruga a tentarem envelhecer o seu rosto louro de mão bem alimentado... O estado-maior de «O Século» — Amzalak, sábio israelita do século XVIII, disfarçado em século XX para escapar aos familiares do Santo Ofício; Tito Martins, cuja cabeça recorda certos compositores alemães de gravura de sala de música; Carlos de Oliveira, pequeno, redondo, falador, recordando um *Herr Director* de qualquer estabelecimento berlinense; e o nostálgico Ferreira de Castro — cerca Adelino Mendes, cuja corpulência massiça evoca os lutadores de «Tu tyu» japonês e que parece dizer aos que marginam o «Sud»: «Lá vou esborrachar mais um»... O Dr. Mario Pinheiro Chagas, herdeiro dum nome glorioso, habituado a floretar o seu belo talento de advogado nos tribunais ingleses como nos nacionais, defensor do Banco de Portugal — dá nota de elegância sóbria e fidalga à embaixada portuguesa que parte para Londres... Os restantes são as esposas, os amigos, os conhecidos que ficam com muita pena de que Waterlow não os tenha *arruinado* para poderem ser queixosos ou testemunhas e darem também uma passeata internacional...

Quando os *kodaks* dos reporteres tiquetaqueiam os clássicos instantâneos do *bot-a-fora* (não sei para quê; as chapas antigas serviam; são todas iguais...) observo melhor um sujeito alto, magro, estranhado, que nos ronda a todos desde o primeiro instante, com um falso ar distraído de quem quer ver tudo, escutar tudo — sem que o notem... Trilam os apitos... Chamo de parte um dos redactores do Reporter X e segredo-lhe uma indicação de serviço...

P. S. — Seis dias depois de escrever este primeiro e insonso «talkie» de viagem recebo do mesmo redactor uma carta da qual recorto o seguinte trecho: «Segui o homem da estação do Rossio. Foi decerto ao telegrafo. Apenas pude bisbilhotar o endereço do telegrama que expedi urgente: «Tawooler» — Londres. Andei na peugada dele uma boa hora até que o vi entrar no Hotel Europa. O porteiro informou-me que se chamava Richard Hearn, comerciante, e que se encontra hospedado naquêl hotel desde o dia 12 do mês pas-



Kingsway 42 — para onde o misterioso espia de Lisboa telegrafou após a partida de Reinaldo Ferreira

sado (Outubro). — Fui esclarecer-me à Central Telefónica da City. O endereço «Tawooler» está registado no nome particular de Waterlow e com a seguinte direcção: Kingsway, 42. Ora Kingsway, 42, não é a residência do famoso fabricante de notas — que vive, segundo me afirmaram, num palacete de Queen Anna Street...

E o meu camarada em *post-scriptum* conclui: «Hoje, segunda-feira, voltei ao «Europa». O homem do telegrama já bateu asas...»

UM INESPERADO ALMOÇO COM O SR. FRANCISÓ

Ecôa pelos corredores a voz abaritonada e espolhada do chefe do «wagon-restaurant» — anunciando o almoço... «Primeira série»!!! «Primeira

série»!!!... As refeições no comboio são os intervalos do espectáculo da viagem. Encaminho-me para o «wagon-restaurant» e, como de costume, espreito para o cubiculo da cozinha. Sinto uma irresistível curiosidade pelas cozinhas dos «expressos» e uma admiração infantil pelos seus habitantes. Um cozinheiro de «wagon-restaurant» é o mais extraordinário dos prestidigitadores: Arranca do seu esconso dezenas de travessas com peixe, carne, legumes; fruteiras a transbordar, garrafas de todos os vinhos e águas — como os ilusionistas tiram pombos, lenços, flôres e bandeiras do seu chapéu alto...

Entrego a minha senha ao «chefe» para que ele me destine o lugar... O meu número corresponde à primeira mesa, à direita... Sento-me — e só depois de desdobrar o guardanapo é que ergo os olhos. Abanca à minha frente o Dr. Mota Gomes... Situação embaraçosa para ambos... Não é que eu o tenha ferido pessoalmente... Mas nenhum de nós esqueceu os desagradáveis incidentes de Haya, durante o julgamento de Marang — sempre por culpa daquele outro banqueiro cujo nome não quero citar... Esta surpresa de *vaudeville* começava a inspirar-me os primeiros comentários íntimos — quando uma nova personagem se acerca da mesa e, fãnhosa, mas com uma viveza que ele — esse tal — só desmascara aos que lhe merecem toda a confiança, saída o meu companheiro, *malgré lui*: «Oh! Mota Gomes! Que alegria! Dê-me licença que almoce consigo...»

Pede então ao «chefe» que lhe mude o lugar para ali; e no contentamento do encontro, alheado de tudo e de todos, inicia as suas confidências de banqueiro. Vêm os *hors d'œuvre*. A nova personagem está com appetite — e os *manjares* que lhe serviram estão feitos ao seu paladar. Vê-se nitidamente que o almôço lhe sabe bem... Curvado, amarecado, pestanejante, — todo pendente para o ouvido do director do Banco de Portugal — ele nem sequer repara no terceiro comensal da sua mesa — e de aí o seu à vontade, o seu optimismo, a sua confiança. Súbito, para atender a uma pergunta do creado, volta a cabeça e roça por mim os seus olhitos piscos e esquivos...

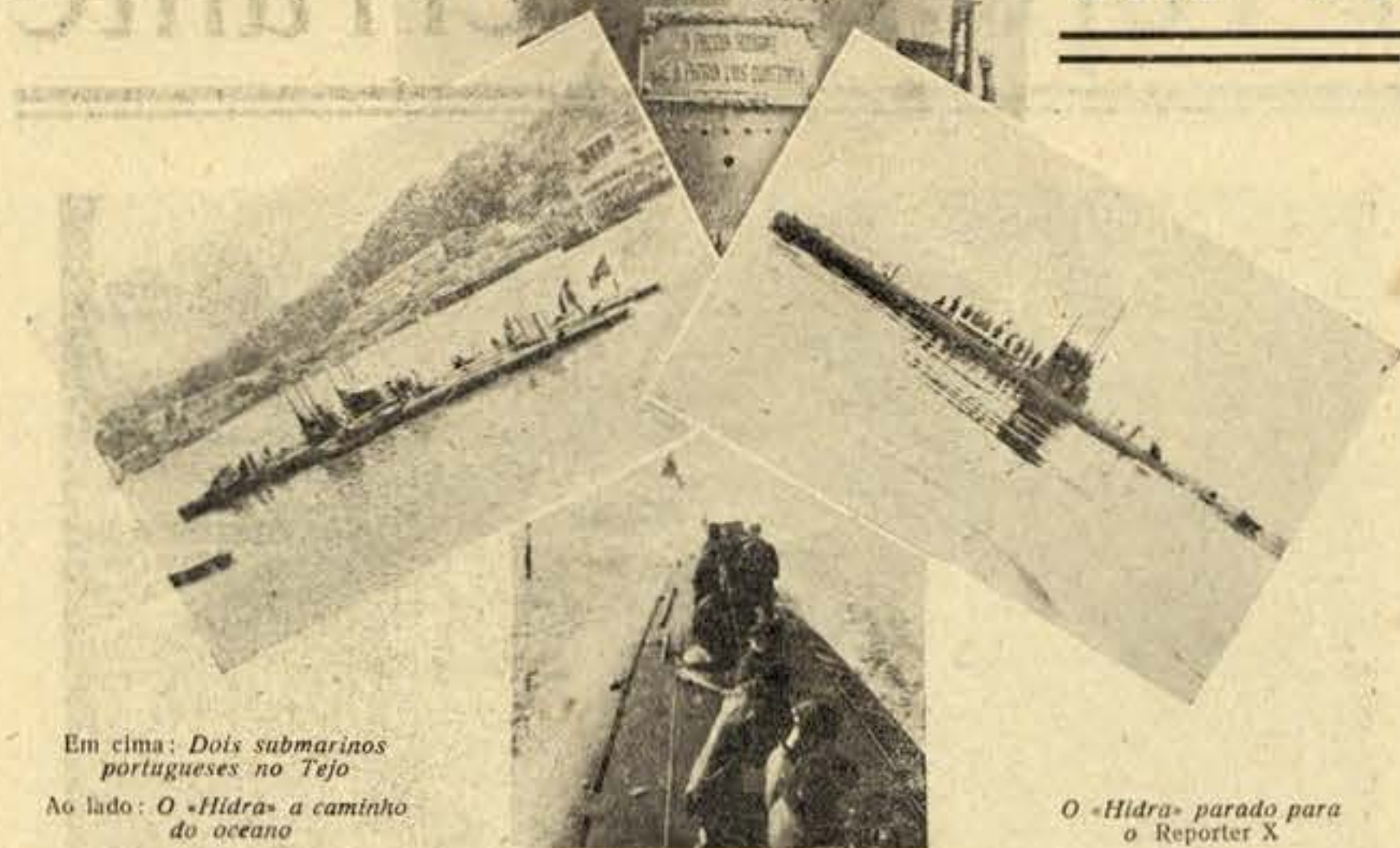
Paí do Céu! Assusto-me — por êle! Que vai succeder? Correrá perigo duma congestão? As faces



Os anúncios luminosos acêssos ao meio-dia como em Lisboa à meia-noite

UM TRANSATLANTICO TORPEDEADO POR UM SUBMARINO

Ao lado: «A Pátria honra que a Pátria vos contempla»



Em cima: Dois submarinos portugueses no Tejo
Ao lado: O «Hidra» a caminho do oceano

O «Hidra» parado para o Reporter X

Os vinte e cinco homens da tripulação desceram para dentro daquela caixa de aço, oblonga, em forma de cetáceo, que poderia de um momento para o outro transformar-se em túmulo que os sepultasse para sempre no fundo do oceano.

O comandante dera ordem de imersão. Havia navio inimigo à vista e era perigoso navegar à tona de água. Se pudessem torpedeá-lo...

Em dois minutos, deslizando sobre o costado do navio em milagroso equilíbrio, a marinhagem tudo aprontou, sumindo-se em seguida, como em palco de mágica, pelas duas bocarras abertas no casco. Depois de engulida a tripulação de um trago voraz, as bocarras mastodonticas fecharam-se em silêncio sinistro. E, lá dentro no ventre do submersível, cada homem tomou o seu posto, posto que não poderá abandonar até morrer. É proibido falar. A disciplina amarra uma mordaza à boca de cada um, não lhe permitindo, mesmo perante a morte, um gemido sequer.

O comandante tomou o seu lugar no compartimento central, junto de dois periscópios, no interior da torre. O silêncio pesado foi cortado por uma ordem enérgica:

— Fecha a porta da torre!
O mestre repete a ordem:
— Fecha a porta da torre!
Desceu a pesada tampa, que foi apertando lentamente e, por fim, tornou a gritar:

— Fechada a porta da torre.
Aqueles palavras borboleteando no meio do silêncio, como insecto de mau agoiro, adquiriram uma estranha significação. Estavam separados do mundo, metidos noutra parte e minúsculo onde a ansiedade parecia pairar impregnada na atmosfera que se respirava. A marinhagem descobriu-se em silêncio

como se assistisse respeitosa ao seu próprio funeral.

Lá dentro, no espaço acanhado, há manivelas, manípulos, quadros indicadores por todos os lados. E não se vê uma cadeira, uma mesa, um sinal de conforto e civilização, que recorde a vida livre e tranqüila da terra firme, beijada pelos raios dourados do sol vivificador.

Outra ordem:

— Abrir tanques!...

Ouve-se o ruído das chaves, sobre as quais os marinheiros se inclinam, em um esforço.

Escutam-se ordens sucessivas:

— Tanque número um!... Número dois!...

A água do oceano vai subindo lentamente, comprazendo-se em demorar a tortura da imersão. O costado do submarino já não é mais do que uma tênue língua de aço brilhando à superfície. A água sobe sempre, metódica e friamente. O casco desaparece. Só os periscópios, a torre e a bandeira trémula ao vento emergem ainda.

Na «cabine» dos periscópios, um oficial comanda o rumo. A sua voz ecoa a espaços:

— 50 sudoeste!... 50 sudoeste!...

O submersível está a quatro metros de profundidade. Pelas lentes vê-se a superfície infinita do mar, e ao longe o navio inimigo com grandes bigodes de espuma branca à proa. As vidas que se encontram a bordo do transatlântico distante ignoram que um cetáceo de aço, oculto nas águas, as espreita apetitoso, como uma fera traiçoeira espiando a presa. Amores confiantes, rapazes que têm no continente suas mães velhinhas à sua espera, projectos grandiosos de futuro, sonhos de divinas descobertas científicas para salvação da humanidade, riquezas artísticas que vão embelezar museus, tudo, tudo que um grande navio

contem — reflexo miniatural da vida das grandes cidades e continentes — está agora ameaçado pelo cetáceo matreiro, que espreita, espia o momento para cuspir a sua diabólica saliva que corre disfarçada sob as ondas, e, acertando no costado indefeso, o reduzirá a destroços, destroços de sonho de beleza e de vida que o oceano impassível engulirá.

MATAR MORRENDO

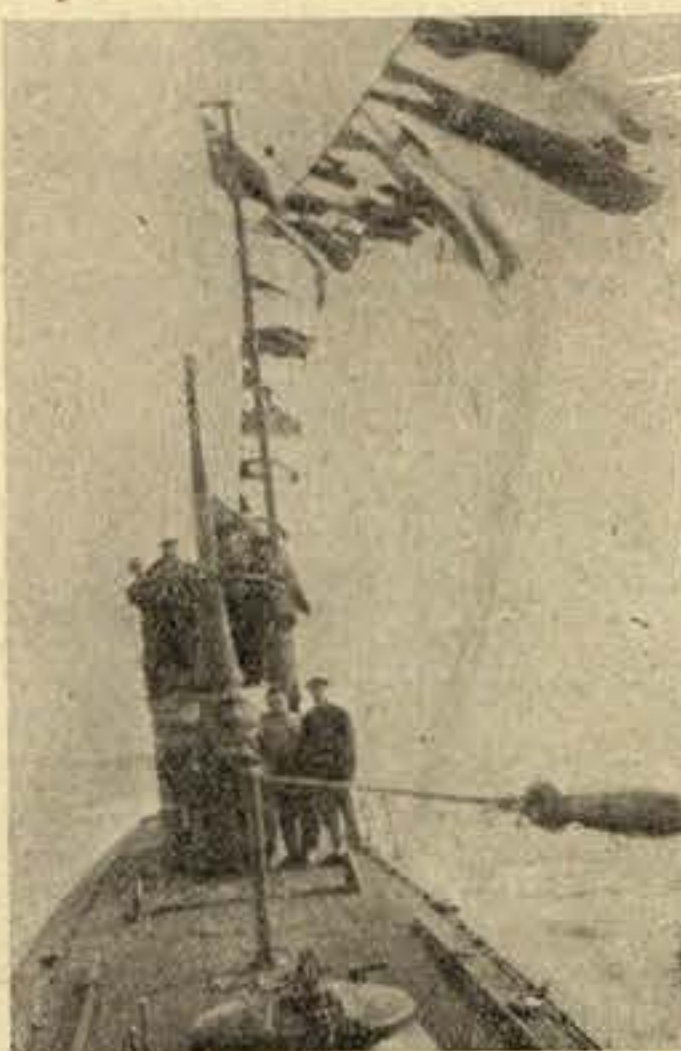
O manómetro já marcava cinco metros de profundidade. A bandeira acabava de submergir-se. Só os dois periscópios, como dois olhos diabólicos, sinistros, espreitavam a imensidão do oceano.

— Seis metros!... Sete metros!

Silêncio de segundos que parecem séculos.

No periscópio só aparece agora a mancha parda e uniforme da água. Do submarino nada resta à superfície.

E' então que a marinhagem se apercebe de que realmente se encontra na boca fria e impiedosa da morte. Um nada — e não escapará um só homem. Em caso de desastre, de impossibilidade



Desfraldando as bandeiras dos sinais

de voltar à superfície, cada um se limitará a aguardar silenciosamente a morte. Apenas um dispositivo interior lhes permitirá soltar uma boia contendo um telefone que, ao de cima das ondas, irá contando ao mundo como agonizam, como

Navio inimigo à vista! = O submarino mergulha = «Preparemo-nos para o combate» = Quatro, cinco, sete metros abaixo do nível do mar = Perdidos no fundo do oceano = A aproximação fatal = Fogo! = O torpedo parte = Segundos de ansiedade = A destruição

morrem lentamente vinte e cinco homens comprimidos em uma caixa mais inviolável do que um presídio.

Flutua nos olhos de alguns homens da tripulação uma melancolia vaga. Eles sabem que estão ali para matar e para morrer — duas coisas tão tristes!...

Talvez essa melancolia que em suas expressões flutua já seja o reflexo da íntima invocação dos bons tempos da vida passada que assalta os moribundos. Talvez naquelas almas ressuscitem, embalados pelo doce balancear do submersível em movimento, aqueles sonhos de infância, tanto mais belos quanto mais nos aproximamos do nosso fim. As pupilas sonhadoras de alguns tripulantes reflectirão agora os campos verdes, de frescos relvedos, de frondosas árvores, que, em pequenos, na sua aldeia percorriam, brincando; tornarão a ver a casa materna, a festa pagã da vindima, a dourada embriaguez das ceifas. Como é boa a felicidade antiga!

— Quanto tempo? — perguntou o comandante.

— Trinta minutos.

A atmosfera começa a tornar-se pesada. Um torpor enleia os movimentos. Latejam as fontes.

O cetáceo sobe. Os periscópios voltam a espreitar o horizonte ilimitado e o oceano infinito. O transatlântico está mais próximo.

Vozes de comando cortam o silêncio. Arrastam-se correntes. Há uma expressão grave em cada rosto. O barco volta-se lentamente e aponta a proa ao transatlântico. Está regulada a distância e a velocidade do torpedo. Mais ordens... Um estremeção — e o torpedo parte, um torpedo que custa cento e cinquenta contos.

O habitual silêncio dentro do submarino torna-se mais pesado, todo feito de ansiedade. Sustêm-se as respirações, apura-se o ouvido, mas a scena indescritível que de súbito se ergue como um cenário estranho não altera o silêncio. Vê-se o transatlântico levantar o focinho ao céu como um monstro anti-diluviano ferido de morte; uma coluna de fumo esguicha a prumo e lá no alto empenacha-se como a lava de um vulcão, saltam destroços em grinalda e, após duas guinadas alfitivas, o transatlântico sobra.

Dentro do submersível paira o mesmo silêncio. Parece que o heroísmo não dá alegria à tripulação. Há mesmo quem

deixe pender a cabeça tristemente, como se assistisse a um acto fúnebre.

AO AR LIVRE!

Uma voz firme anuncia:

— Trinta e cinco minutos!

Havia trinta e cinco minutos que aquê



O nosso redactor na torre do «Hidra»

punhado de homens vivia no fundo do mar, e em menos de cinco o pequeno mundo que visavam destruir desaparecera, pulverizava-se como se estranha força destruidora o dissociasse atomo por atomo.

Pouco a pouco a torre do submarino fôra emergindo. Já o dorso do cetáceo volta a olhar a face do céu sombrio; por fim, adquire a sua posição flutuante.

Que ânsia a daquela gente se precipitar para o ar livre, o ar puro e vivificante dos mares! Mas ainda esse prazer é dado aos poucos como se se matasse gota a gota a sede de lábios ardentes e febris.

A transição brusca da atmosfera pesada do interior para a coberta poderia causar transtornos fatais. Pouco a pouco renova-se o ar. Uma lufada mais fresca faz dilatar as narinas daqueles prisioneiros da disciplina. Até que minutos mais tarde sobem, por ordem, metódica, matematicamente ao tombadilho onde mal se equilibram.

Espraiam por toda a circunferência

marítima que os cerca um olhar interrogador. Deserto, tudo deserto. Onde há pouco flutuava uma pequena cidade brilha agora um sol pálido de inverno, um sol doente, de morbida luz. Sob essa mancha de sol, talvez iluminados lá em baixo como em uma cripta, repousam os restos mortais dos que momentos antes marchavam confiantes na esteira luminosa do seu sonho de viver.

DA VISÃO À REALIDADE

E' mentira, pura fantasia, tudo o que acabas de visionar, leitor, através da nossa prosa insípida. Não houve torpedos disparados nem transatlânticos metidos bárbaramente no fundo. Houve apenas, há dias, um amável convite do distinto imediato do «Hidra» para um redactor do Reporter X assistir a algumas manobras daquele nosso vaso de guerra. Aceitámos esse convite com alvoroço. O jornal das grandes emoções não podia deixar de enviar um seu redactor ao interior de um submarino.

A emoção de uma viagem em submersível é muito mais forte do que a dum vôo em aeroplano. Voar causa vertigem e entusiasmo. O espaço livre, ilimitado, arrebatam-nos. A morte, se nos perpassa pelo espírito, parece-nos um gozo inultrapassável. No interior de um submarino tudo é limitado, acanhado. Quando mergulhamos é como se nos vestissem um colête de forças na alma. Não se pode uma pessoa expandir em um grito. O silêncio pesa como a lage de um túmulo no nosso peito. Somos espectros de nós próprios. Ergue-se a vista e vêem-se máquinas; relanceia-se o olhar em busca de horizonte e surge-nos pela frente um mostrador que nos indica que estamos a cinco, seis, dez metros abaixo do nível do mar.

Tudo o que nós sonhamos de maravilhosa vida submarina, com a sua fauna variada e esquisita e a sua flora aquática de formas irreais; com os seus monstros que odeiam o sol, os seus peixes de recortes caprichosos e olhos horripilantes, espantados, toda essa visão inferno de Dante que, através de estampas e compêndios, nós formamos do fundo dos oceanos, todo esse mundo irrisório que é, ao mesmo tempo, um mundo de horror que povoa o nosso cérebro, desaparece abafado sob a pressão do ambiente

(Conclui na pag. 15)

Uma espia portuguesa ao serviço da Alemanha

REVELAÇÕES INDISCRETAS DE UM JORNALISTA QUE CONHECEU INTIMAMENTE MARIA CLEMENTINA, UMA PORTUGUESA QUE FEZ ESPIONAGEM EM PORTUGAL DURANTE A GUERRA

NO nosso primeiro artigo, publicado no número 19 do *Reporter X*, contámos como fomos encontrar, por uma noite de estio, a uma mesa do antigo Club Ritz, uma mulher que usava o nome suposto de Concha Rodriguez, se apresentava como espanhola, sendo portuguesa, afinal, tendo por nome de baptismo Maria Clementina. Foi essa mulher nossa amante durante deztoz meses e, uma noite, quando maior era a sua confiança em nós, agulhada pelo remorso, rela-

A professora alemã, casada com um português funcionário do Ministério da Instrução, lutou com sérias dificuldades para ficar em Portugal, quando foi decretada a expulsão de todos os subditos alemães. Valeu-lhe então a influência de um empregado inferior do mesmo Ministério, que, inoportunamente, a favoreceu neste sentido. Estava longe de supor esse empregado (pai do autor deste relato) que estava involuntariamente prejudicando o seu país.

Era, no ambiente pacato, íntimo e cordeal da aquela pensão que se recebiam e transmitiam as ordens da C. E. B. (Central de Espionagem de Berlim).

O PRIMEIRO PASSO A CAMINHO DA REABILITAÇÃO

Erich Phillips revelou-se há pouco tempo como sendo o organizador da espionagem alemã em Portugal. Os leitores já conhecem algumas das suas curiosas revelações através de uma sensacional reportagem publicada pelo nosso querido Director, no número 2 do *Reporter X*. No seu livro refere-se apenas, e muito vagamente, a uma mulher, uma espanhola, que foi espia entre nós. Ou Erich Phillips não estava tão senhor da sua engenhagem como supunha, ou a mão lhe hesitou ainda em fazer algumas graves revelações, porque Maria Clementina, a suposta espanhola, exerceu um papel muito importante entre nós.

Uma outra personagem importante que não aparece nesse livro é um médico do Porto, falecido em fins de 1928, chamado Mario Ribeiro de Sousa, que veio duas vezes a Lisboa conferenciar com Maria Clementina sobre informações que precisava obter do nosso Campo Entrincheirado.

Mas voltemos à nossa heroína, que mais nos interessa neste momento.

— Em Dezembro de 1917 — contou-me ela melancolicamente, nessa memorável noite de confidências — encontrei eu pela primeira vez o homem por quem me apaixonei e me fez esquecer as minhas obrigações de espia. Era um português. Guardo para mim no fundo do coração o seu nome. A ele me prendi por amor, um amor que havia de regenerar-me. Tinha sido indicado como grande influente político de quem me devia aproximar e seduzi-lo para lhe arrancar preciosas informações.

«Até certo ponto cumprí a minha missão. Comecei por fingi-me apaixonada, captivo-o estava nas minhas mãos. Quando chegou, porém, o momento de trai-lo — não tive coragem. Verifiquei então que, à força de querer prendê-lo para o perder, me prendera eu para me perder talvez. Subjugava-me um amor louco por esse homem.»

Maria Clementina, ao abrir-me a fenda da sua alma, pela qual entrevi que ainda no fundo dela alguma coisa de nobre existia, ocultou o rosto nas mãos e chorou. Aquelas lágrimas não podiam ser fingidas, não eram lágrimas de espia, eram prantos sinceros de mulher.

— Então — prosseguiu ela — confessei-lhe tudo, para ansia de reabilitação que ignorara até aquela data. Sentí nesse instante a bafeixa do papel que vinha desempenhando na vida, medi a importância das minhas responsabilidades... Ele amava-me também, mas era demasiado português e patriota para deixar-se arrastar até ao lódo de uma traição.

«Abandonarís essa vida ou separar-nos-emos para sempre? — perguntou-me.»

«Quis resignar contra a situação criada, lutar contra as sombras que me estranquiavam e se abandonasse a espionagem. Aconselhada por ele, por

esse amante ideal, participei aos que me pagavam os meus propósitos de abandonar os seus serviços, alegando obrigações de família que me impossibilitavam de cumprir o meu infame dever. Responderam-me que escolhesse entre continuar ou morrer.

«Morrer quando eu mais adorava a vida? Morrer sem saber como nem de onde vinha a morte? Terrível destino o meu! A minha angustia e arrependimento não me redimiam, não me salvavam!»

UMA CILADA

Deteve-se Maria Clementina uns momentos absorta, o olhar perdido no vácuo. Eu, baforando em silêncio o fumo de uma cigarrilha, pensava na formidável tragédia moral daquela mulher de aparência tão frágil e linda.

— Um dia — continuou em voz baixa como se me apresentou um cartão de H. S. S. O portador disse-me ser Marcel, de nacionalidade francesa. Durante o almoço deu-me conta do serviço que eu tinha que fazer. Era uma incumbência difícil, decerto para experimentar a minha fidelidade: conhecer o segredo da entrada na nossa Barra e das fortalezas que a defendiam.

«Prometi apresentar as informações completas alguns dias depois. E efectivamente, decorrido o prazo que fixara, apresentou-se-me o sr. Marcel na pensão da Rua do Jardim do Regedor. Entreguei-lhe os mapas. Ele partiu contente — mas os mapas eram falsos.

«De combinação com o meu amigo, a quem contei a aventura, forjámos, com a ajuda de um oficial de marinha, aquêles mapas absolutamente fantásticos. E em seguida, incógnitamente, partimos para uma quinta que o meu amante possuía próximo de Bragança, e ali, escondidos do mundo, escapámos à vingança dos meus dominadores.»

Depois de uma longa pausa, Maria Clementina rematou tristemente:

— Pouco durou a nossa felicidade. Em 1919, o meu amante, o homem a quem devo os momen-



Entrava-se para a pensão pela porta, a contar da direita

tou-nos a sua vida cheia de aventuras, que principiou por uma existência pacata e rica em Madrid e desilusão, após a morte de seu pai, na Ignominia ouatada dos cabarets espanhóis e franceses. Suspendemos o relato fiel das suas aventuras no momento em que um português a apresentou a uma misteriosa personagem turca que a meteu na engenhagem tenebrosa da espionagem alemã.

Essa misteriosa personagem turca industriou-nos serviços simples a fazer em troca de uma paga mais do que generosa. Resumia-se em ela se aproximar de certos vultos políticos e militares da vida portuguesa, obtendo deles determinadas informações, e vigilar outros espias ao serviço da Alemanha. A Maria Clementina, insensibilizada pelo luxo e pela ambição, esta tarefa parecia fácil e rendosa. Projectou uma grande vida de prazer, sem a preocupação do dia de amanhã. Entregaram-lhe 5.000 francos, adiantamento dos seus honorários, que lhe serviram para aumentar o seu já considerável guarda-roupa, e em Maio de 1915 partiu para Lisboa.

A PENSAO DA RUA JARDIM DO REGEDOR

Na Rua Jardim do Regedor havia e cremos que ainda há uma pensão de título sugestivo e familiar que tendo, em regra, os seus hóspedes certos, recebia frequentes vezes a visita de comensais passageiros que iam almoçar ou jantar e desapareceram.

Quando Maria Clementina, «por ordem superior», ali se foi instalar, encontrou um curioso grupo de hóspedes de aparência pacata, insensitiva: uma balnearia que se dizia grega; um cantor polaco; uma francesa «papillon» do «Maxim's»; uma professora alemã que usava o apelido português Maia; e três portugueses de lei.

Um dos nossos compatriotas era proprietário de um importante armazém de mercadoria na rua do Alecrim; outro, capitão, e tinha o apelido Lemos, e outro ainda, natural de Sesimbra, era conhecido pelo alferes Correia.



Japóis, Maria Clementina rematou tristemente

tos mais felizes e puros da minha vida, falecia em condições misteriosas. Deixou-me alguns bens. Doida de desgosto, vim para Lisboa atordar-me. E agora sou um farrapo, uma sombra de mim mesma.

Hoje, Maria Clementina leva uma vida obscura e honesta como dama de companhia em uma casa séria do Porto.

IDÍLIO FERREIRA

O VELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

QUE LEGOU AO SOBRINHO A INCUMBÊNCIA DE VIGIAR O PORTE MORAL DE UMA AMANTE

TINHAMOS chegado ao começo da tarde e logo nos rodearam alguns amigos — amigos de ocasião, mas muito amáveis e acolhedores — que abandonados a uma mesa do café Luso-Espanhol nos contaram à boca pequena alguns escândalos daquela famosa praia de banhos.

As personagens não eram banhistas, nem agora, em pleno inverno, por ali se encontra desta fauna. A água do mar está fria e na praia não se vêem senão alguns pescadores pobres, mouros de trabalho, heróis obscuros de romances,

O episódio que o Sequeira nos contou e outros figueirenses escutaram confirmando-o com assentimentos de cabeça, pormenor por pormenor, nada tem de trágico, leitor. Não se trata, pois, de um daqueles dramas brutais que amarfanham as almas em suas garras dilacerantes, nem daquelas angústias silenciosas e asfixiantes que sob a aparência calma das faces estrangulam as consciências. Não há neste caso punhais que lampejam na noite, manejados por mãos tenebrosas para apunhalarem à traição pessoas de bem, nem dedos crispados disparando contra peitos indefesos pistolas automáticas, nem tampouco daqueles crimes horríveis, misteriosos, que deixam a polícia ante um ponto de interrogação traçado a sangue. Não, neste caso existem apenas um tio, uma amante e um sobrinho, e a arma empregada não abre ferida que dói, provoca apenas amebições que se desencadeiam tempestuosamente e se entrecroam sob uma aparente serenidade.

Afonso Migueis era um velho, já um pouco alquebrado, os pés para a cova, que possuía na sua idade avançada o que muitos jovens não têm: uma boa fortuna e uma boa amante.

Nste pouco, que tanta gente inveja, se resume quasi toda a história da existência dos Migueis. O resto são todos os acessórios, os episódios mesquinhos, as cenas insignificantes que se movem e se criam em torno de uma existência desta natureza.

Possuía o Migueis, além da fortuna e da amante, um sobrinho legítimo, a que atribuía muito menor importância.

INSTINTOS QUE A AMBIÇÃO REFREIA

O Artur Migueis não via com bons olhos a ligação do tio com a amásia porque temia que esta, abusando da influência que exercia no ânimo do velho, o prejudicasse nos interesses de único e legítimo herdeiro.

No entanto, perante o tio, apresentava-se sempre correcto e humilde, dando à amante um tratamento respeitoso como se sinceramente a achasse digna de ocupar o lugar de tia. No fundo de alma, porém, tinha-lhe rancor — um rancor que não era isento de uma certa atracção carnal pela fêmea, apesar de tudo, apertitosas.

Desejando a morte do velho, ao mesmo tempo receava-a, não trouxe ela surpresas e complicações à sua vida. Entretanto, mais por instinto do que por sin-

cera amizade, ia deitando à Maria Rosa uns olhares que bem longe estavam de exprimir uma simples afeição de sobrinho.

Ela era fêmea, demasiado fêmea, e embora a princípio o Artur pusesse um certo recato nos olhares e atitudes, depressa adivinhou nêles o desejo do homem que receava apenas os riscos de uma conquista melindrosa. E entrou ela, então, de o provocar com atitudes de mulher que não sabe fixar limites à natural coquetterie feminina.

Compreendeu Artur Migueis que a presa seria fácil, mas não se precipitou, não fôsse o velho descobrir tudo, ou ela própria tudo lhe dizer e toda a fortuna



Ela não punha limites à natural «coquetterie» feminina.



Ditara um testamento como nunca se vira

em regra mais elevados e puros do que os vividos pelas meninas preciosas e rapazes «papo-sêcos» que, pelo estio, ali pavoneiam a sua vaidade. As personagens, portanto, se tomam banho é em casa e a bom recato, longe das etiquetas e das ondas altaneiras.

O Sequeira, o único amigo velho que junto de nós se encontrava naquela terra estranha, já contara inúmeras histórias curiosas, já fizera referências à suposta passagem do aviador Ramon Franco pela Figueira da Foz, onde ninguem o vira nem presentearia sequer, e iniciara, por fim, o relato do último grande escândalo figueirense.

Ora convém avisar quanto antes os nossos leitores de que Sequeira é literato e para ele a realidade nunca é realidade sem que a sua fantasia a deforme um pouco, por vezes, para melhor. Reproduzindo o que lhe ouvimos, nós não sabemos ao certo se somos os transcritores de um romance inventado por ele, se os reporters fieis de um facto verídico.

ambicionada ir parar a mãos estranhas. Julgou mesmo que os desafios mudos, mas eloquentes, de Maria Rosa — as mulheres são pérfidas como o demónio! — não passariam de um ardil para criar entre sobrinho e tio uma situação irreductível da qual só ela viesse mais tarde a aproveitar-se.

UM TESTAMENTO ORIGINAL

O Artur deu tratos de polé à imaginação para encontrar um caminho seguro que, a um tempo, o conduzisse à posse de Maria Rosa, ao aniquilamento da influência desta sobre o tio e à conquista da almejada herança que era, afinal, a sua maior ambição — porque o dinheiro depois tudo resolveria.

Mas enquanto o seu cérebro caprichava em construir planos dignos da imaginação de um romancista policial, a vida, sempre mais forte e dominadora, ia precipitando os factos de outro modo. Foi assim que um dia Artur achou-se amante da amante do tio Afonso. Então,

FILMES FALANTES DO "BLOCK-NOTES" DE UM REPORTER ERRANTE

(Continuação da pag. 9)

marfletas de velho escarlatam-se primeiro — e empalidecem profundamente depois! Os olhos sonolentos e piscos esgazemam-se. A boca pregulçosa — escancara-se... A deliciosa plaçada de sardinha de Espinho com respectivo pedaço de pão e manteiga que ele mastigara saboreadamente paralisava-se sob a língua, sem saber se há-de precipitar-se em caminho do esôfago — ou regressar, tal como está, ao prato e a tirarem... E por fim, atontado, desvalizado, abandonando o companheiro e o almôço que tão bem lhe estava sabendo e que eu, sem querer, lhe estraguei, gagueando umas desculpas sem nexo, com o guarda-roupa entalado ainda no colarinho, abalou do «wagon-restaurante» ante o passo do criado...

Falta revelar a personalidade desta vítima de um acaso de número de senha, no almôço do «Sud»... Era, nada mais nada menos, que o sr. Francisco Borges, muito acreditado banqueiro portense e sócio da firma... — os senhores já sabem o resto... Mal visionava este ilustre financeiro, quando tentou amoraçar-me pela falta de viveres, solicitando a minha saída do «janeiro» — que era eu quem havia, um dia, de impedir-lo de almôçar...

A scena foi realmente ridícula — mais ridícula do que eu a descrevo. O proprio Dr. Mota Gomes, se não fossem as conveniências, teria transformado o seu contido sorriso numa gargalhada...

O SEGRÉDO DO MEU COMPANHEIRO DE «CABINE»

Segunda-feira, 10. — Em nós homens, o pudor não é um sentimento muito exigente. Contudo — é revelada-se às vezes, e em formas infantis. Por exemplo: na intimidade com um desconhecido que compartilhe da mesma «cabine» do «wagon-iz» ou do mesmo camarote do vapor. Já se vê que me refiro ao mais masculino e natural dos pudores — e não aquele que o infeliz e porquíssimo João Navarro evoca ao dizer: «isto da gente ter de despir-se diante de outra pessoa que não conhece e que começa a olhar-nos para os pés, lá por que está os negros, e os meus carolhos que estão encardados — é uma grande massada!» Juro-lhes que o meu pudor, nestas circunstâncias, não é igual ao do falecido João Navarro — e graças a Deus Nosso Senhor! Mas é realmente incômoda essa convivência forçada com o desconhecido. E tanto assim que não há viajante que não prometa uma vela ao seu santo milagroso para que a sorte lhe destine uma «cabine» sem parceiro...

O meu companheiro de «cabine» entrou na Pamplithosa. Era um homem com a flexibilidade dum pagem florentino, cuidadoso até ao exagero no seu porte — sem que porém desse a impressão duma anormalidade de costumes. E foi precisamente esse

paradoxo que me chamou a atenção. Tudo nele nos forçava a uma suspeita — que é próprio, nas suas atitudes, aliás efeminadas, desfazia. Era estrangeiro e o seu francês denunciava um sotaque alemão. A bagagem vinha selada com as «etiquetas» do Hotel da Batalha do Porto e do «Avenida Palace» de Buenos Aires. Embora eu, entretido todo o dia e tido a noite na palestra com Adelino Mendes, não tivesse tentado aquelas classicas relações de viagem — éle exteriorizava um alerta assustado, permanente, para esquivar-se a qualquer contacto — que não estava, repito, nos meus desejos... E porque não era da vontade de nenhum dos dois relacionar-se com o outro — apenas trocámos dois «si vous plait» e três «pardon, monsieur», até que, já passada a fronteira espanhola, o «controleiro» nos armou os dois leitos. Neste momento, quebrou excepcionalmente a sua reserva, e precipitadamente, num sorriso tímido, pediu-me licença para se deitar primeiro... Cedi, por delicadeza — pensando: «Bom. Vies escamotear-me a cama de balço, que é a melhor e a que não nos obriga à ginástica de trepar como os macacos»...

Entretanto quis buscar um maço de cigarros esquecido na «cabine» — e não pôde entrar: éle fechara-se por dentro. Esperal... Levou-me mais hora a despir-se. Quando resolvei deitar-me também, não vi um único vestígio das roupas do cavalleiro. Levava-as todas para cima, para o seu leito — dentro do qual se aninhara, como um furiante ou como um envergonhado — apagando a «veluze» para que a penumbra, na sua zona, fôsse a mais completa possível.

A mim, o solavancar do comboio embalsamava como um bôço e provoca-me um sono segurado. Adormeci sem ter tempo de abrir o livro com que me prevenira... Mas eis que dentro do próprio sono começo a sentir a vida real e exterior, como se o que se passara à minha volta tivesse invadido o meu cérebro adormecido... O sonho suave em que me deleitava tornar-moroseou-se em pesadelo, num pesadelo doloroso, affetivo, cheio de admiração... Alargi a cabeça e fiquei a pensar, pensando, se deseja despertar e regressar à realidade... Fiz um esforço energico que teria sido vão — se uma voz, que naquele nevoeiro de espirito me recordou o de uma velha creada de casa de meus pais, não me tivesse ajudado a evadir-me do pesadelo — berrando num alvoroço: «Monsieur! Monsieur!»

Abri os olhos. As lampadas da «cabine» estavam acesas — e de pé, junto ao meu leito, o rôsto livido, crispado, a boca babada, envergando um longo roupão até aos pés e com uma mão no fecho da porta que lhe custava a manobrar, esperava-me o meu companheiro de viagem... No pr

meio momento, embaciados os olhos, embaciado o cérebro pela neblina do sono e pela fumarada que toldava a «cabine», nem o reconheci nem o compreendi. Depois, rapidamente me expliquei tudo. A *chauffage* do *Sud* soltrera um desarranjo grave. Um escape perfurado na tubagem do nosso cubículo enchera-o de fumo e la-nos asfixiando. Asfixiados quasi, estivamos nós... *Éle*, mais leve de sono, despertara primeiro e viera, gentilmente, dar-me o alarme e arrancar-me já daquela espécie de catalepsia em que a intoxicação me enclausurava, entre fantasmas de pesadêlo. Pulei para o chão, ajudei-o a abrir a porta — e tal como estava, descaído e em pijama semi-aberto, vim para o corredor, onde a falta de *chauffage* e o ar gelado do norte de Espanha, em contraste com o calor da estufa da «cabine» me engrimara para oito dias... Os viajantes das «cabines vizinhas fugiram também pouco depois, para o corredor — assustados, esgazeados, protestando, berrando, descompondo o *controlleur*...

Foi então que «éle» — o meu companheiro de viagem, num desculpado natural — no feito assustado, cometeu uma imprudência que explicou todas as suas cautelas anteriores — intrigando-me profundamente. Querendo fazer cóz com os protestantes, gesticulava; e gesticulando tirara as mãos da abertura do roupão em que cuidadosamente se envolvia; e tirando as mãos, deixando entreabertas, vi... vi... camião de dormir, feminina, cor de rosa, borboleteada de lachinhos — na altura do decote o início dum seio pequeno como o de Sherazade — e logo indelicadamente marcado, pela elevação das suas curvas sobrias, mais fortes, através da séda...

Estiquei os olhos julgando sonhar ainda... Mas não sonhava. Não sonhava. Não sonhava... mais discreto — relanceei a vista para a confirmação do que vira... Não havia possibilidade de dúvida. O meu companheiro de viagem era uma mulher — ou por outra: uma rapariga na pujança de todos os seus encantos plásticos... Podia ser uma burla latente, um caso de anomalia, de falsa masculinidade, de uma tãra no capôto atópica de roupas brancas femininas... Mas não. Os meus olhos têm sufficiente experiência na matéria para podermos garantir que não se equivocaram...

E tanto que não se equivocaram que perdam a seriedade — a discreção, a prudência — na gula insaciavel de contemplarem o belo e correto espectáculo. Súbito — *pidana!* O roupão fechava-se precipitadamente. Fora eu surpreendido em flagrante delicto? Éle — ou éla — pelo meus suspeito-o... Um vizinho da «cabine» do lado, a quem houve algo que o alertasse, trocou comigo um olhar de pânico e de interrogação. Esse olhar devia ter angustiado o meu... — a minha companheira — porque, quando o *controlleur* esclarecer-nos que a *chauffage* deixara de nos ameaçar — não quis regressar ao leito...

— *J'ai mal au cœur*... — *Ittubou*. — *Preffro ficar aqui*...

Já não se deltoiu... Na manhã seguinte, quando acordel e me vesti e sai da «cabine», encontrei-o lá... Que a senhora em Hendaya não fôsse francesa... Mal me viu — afastou-se... Observei-o de longe. Seria resultado da minha descoberta? Tudo agora nê... ou nela — mesmo o que na vespera não chegara a atingir as proporções de uma suspeita, se me afugurava uma denuncia berrante do meu *travesti* clandestino. Foi dos primeiros viajantes que a senhora em Hendaya viu a rapariga francesa; e depois, quando já a caminho de Paris, percorri o «Pallman» de ponta a ponta, não o encontrei. E contudo o seu bilhete era directo até Paris. Este seu temor em prosseguir a viagem comigo liquidaria qualquer suspeita de erro — caso algum pudesse existir no meu espírito...

Que a senhora em Hendaya não fôsse francesa; e depois, quando já a caminho de Paris, percorri o «Pallman» de ponta a ponta, não o encontrei. E contudo o seu bilhete era directo até Paris. Este seu temor em prosseguir a viagem comigo liquidaria qualquer suspeita de erro — caso algum pudesse existir no meu espírito...

— *J'ai mal au cœur*... — *Ittubou*. — *Preffro ficar aqui*...

a coberto dessa intimidade, todo o seu trabalho de diplomática subtilidade se dirigia no sentido de se prevenir contra alguma partida do destino. Tornara-se mais respeitoso e humilde para com o tio e mais amoroso do que realmente se sentia para com Maria Rosa. A fortuna, calculava éle, havia de ir parar-lhe ás mãos e Maria Rosa, desprovida de recursos, levaria depois o destino que éle, senhor absoluto do dinheiro, entendesse.

Não tardou muito tempo o velho, com a sua morte tão ansiosamente esperada e ao mesmo tempo temida, em tudo decidir, provocando um desenlace inesperado.

O testamento foi aberto e, com espanto, verificou-se que o tio Afonso deixara à sua Rosa Maria metade da sua grande fortuna, a outra metade à Misericórdia da Figueira, e ao sobrinho, além

de bons conselhos e protestos de amizade sólida na eternidade, a alta incumbência de vigiar o porte moral de Maria Rosa.

A vontade do defunto foi cumprida. Artur Migueis, para melhor a cumprir, instalou-se com a Maria Rosa na mesma casa. Mas resolveu instaurar um processo judicial que desaposse a Misericórdia e a amante com quem reparte suas caricias da fortuna que, em seu entender, só a éle pertence.

Isto de um homem processar uma amiga com quem vive sob o mesmo tecto causou espanto a alguns espectadores e a outros provocou, com um sorriso irónico, êste comentario simples:

— Quem perde é a Misericórdia; os outros dois lá se entendem...

GUIDO RUIVO

(Continua)

REPORTER X

UM BOM PETISCO DE BACALHAU

(Continuação da pag. 5)

A-pesar-de tudo, o resultado obtido não compensa o esforço realizado. Podia ser muito mais farta a nossa colheita, se nos preparássemos como os outros, seguindo o seu exemplo. O processo que usamos é mais dispendioso, mais arriscado e muito mais pobre no seu efeito. Este ano, a ida dos nossos cêrcos à Terra Nova representou a mobilização de um capital de trinta milhões de escudos. E' certo que, nos seis meses de duração da pesca, empregámos 1750 homens. Mas nem tôdos regressaram satisfeitos. Nem tôdos deixaram de si uma recordação lisonjeira. A muitos interessa pouco a percentagem sôbre o peixe que pescaram, além de um quintal métrico. A retribuição estipulada pela época inteira — 3.500\$00 — consideram-na suficiente e eximem-se, quando podem, aos riscos do trabalho e às traições do mar. Claro, não são tôdos. Não passam, até, de uma minoria êstes que não vão lá arrastados pela devoção atávica do perigo.

Pelo que se sabe e pelo que se vê, o bacalhau, nosso *fiel amigo* desde os meados do século XVI, peçado por nós, custa-nos os olhos da cara e é, pelo preço, um manjar de príncipes, em cujas mesas não tem lugar a sua soberania; importado, comprado àqueles que sabem apanhá-lo em abundância, iludindo-o com o isco tentador dos *trol* ou engarrafando-o aos magotes na traíção da rede de arrasto, leva-nos, em troca dessa amiga preferência secular, o oiro lúcido do nosso pé de meia. E' a nossa ruína, o bacalhau familiar e modesto doutros tempos!

O produto da nossa pesca representa, mais ou menos, uma oitava parte do nosso consumo. Não vale a pena correremos o risco de ir até lá, desprevenidos, alheios ao progresso, insensíveis às lições dos vizinhos, sem condições de obtermos um resultado compensador — apenas fiados no heroísmo dos pescadores, presos ainda à viciosa miragem das virtudes da raça...

GIDE BEY

BEMFAZER

Comemorando a data festiva do Natal o nosso prezado assinante C. J. Silva Lopes, de Mirandela, enviou à redacção do *Reporter X* a quantia de 19\$20, tórcio do pagamento de um bilhete da lotaria do Natal, a fim de nós a entregarmos a pessoa necessitada — o que fizemos a Idalina Ferreira, moradora na Rua José Falcão, 21, 3.ª, esq., Lisboa.

Bem hajam àqueles que nesta época de feroz egoísmo ainda se lembram da pobreza envergonhada.

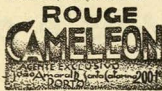
O PAPEL DE FUMAR



CONQUISTOU
O SEU LOGAR PELA
QUALIDADE



MUDA DE TOM COM CADA CÔR
RESISTE A TUDO E DÁ AOS LÁBIOS
UMA SEDUÇÃO IRRESISTIVEL



REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS
PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

Um transatlântico torpedeado por um submarino

(Continuação de pag. 11)

que se respira nas entranhas de um submarino.

O que se ergueu, nitido, na nossa mente, enquanto assistíamos às manobras frias e disciplinadas do *Hidra*, após um belo passeio até à baía de Cascais, foi a visão sinistra de uma guerra — visão irmã de tantas realidades que ainda há bem poucos anos cobriram a humanidade de luto.

O Mergulhador

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92
Telef. 434 — POBTO

CASA DOS METAIS

Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos,
para a industria

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

"Reporter X" na provincia

Coimbra e Figueira da Foz

Na sua recente visita à Figueira da Foz e a Coimbra, Mario Domingues, chefe da redacção do *Reporter X*, e Idílio Ferreira, redactor, encontraram nas duas formosas cidades o mais franco acolhimento, que significa o muito apreço em que o nosso jornal é tido nas duas cidades. A imprensa de Coimbra e da Figueira, ao Ginnásio Club Figueirense e inúmeros amigos e conhecidos que lhes deram tão gentil guarida endereçamos os nossos agradecimentos.

Os grandes dramas ignorados da provincia

Conforme tínhamos anunciado, o nosso estimado redactor Americo Faria já percorreu vários pontos da provincia colhendo elementos para a série de sensacionais reportagens sôbre os grandes dramas ignorados da provincia. Por algumas localidades tem êle passado absolutamente incógnito, o que tornará mais imprevisíveis e sensacionais os seus relatos. A viagem de Americo Faria prossegue ainda por mais alguns dias.

A NOVA CENTRAL

Empréstimos **Prata, Ouro, Joias e Roupas**
sobre:

Rua do Loureiro, 54, 1.º

PORTO

Junghans "J. Estrela"

Relógios "Carrilhão" e em todas as sonerias
representantes exclusivos:

COTRINS E AFFONSO, LTD.

R. da Prata, n.º 173, 1.º

LISBOA — TELEFONE 27.281

Representante no Porto:

RIBEIRO & SILVA, LTD.

Rua 31 de Janeiro, 221 — Telefone 1937



DAVID, é o ditador
do calçado

Para calçar com elegância
calce **DAVID...**

||||| ||||| |||||

SÉDE—Rua Santa Catarina

(Junto à Igreja de Santo Ildefonso, frente à Rua 31 de Janeiro)

FILIAIS | Rua 31 de Janeiro
| Rua Sá da Bandeira, 32

BAPTISTA & C.ª

R. da Trindade, 53-PORTO — Telefone 4041

Tôdo o serviço
de pechalaria,
ALTA
pechalaria e
= eléctrica

CHAUFFAGE CENTRAL

Orçamen-
tos grátis

Competência Honestidade

JOSÉ MARTINS QUELHAS LIMA

Comissões e Consignações — Cursos Vendas — Import.-Export.
Stock de casacas em couro para homem, senhora e criança

Agente dos automóveis e camionetas:
MOON-WINDSOR

Praça da Liberdade, 114-2.º

Avenida dos Aliados, 9-2.º

(Prédio de A Nacional)

Telefone, **4650**

PORTO

Residência e Armazém:

Rua Godinho Faria, 162

S. Mamede Infesta

TELEFONE, **37** — S. MAMEDE

COMPRAI SO



O melhor entre os melhores

284 — R. MOUSINHO DA SILVEIRA — 286

PORTO

Peçam nas Tabacarias

os cigarros e picados

DE

A TABAQUEIRA